

Texto e Textualidade

Profa. Ms. Renata Amaral de Matos Rocha¹ (UFMG)

Resumo:

Este artigo apresenta resultados preliminares de um estudo sobre os fatores de textualidade ligados à configuração linguística de textos escritos produzidos por alunos do 3º ciclo de Formação Humana, que corresponde aos anos escolares finais do Ensino Fundamental, do Centro Pedagógico, da Universidade Federal de Minas Gerais. Os alunos produziram os textos em sala de aula, individualmente, como atividade cotidiana de redação, a partir de uma proposta de produção de texto impressa entregue a cada estudante. No momento da análise, focalizamos os mecanismos linguístico-textuais relacionados à construção da coesão e coerência do texto, observáveis na tessitura de textos narrativos. Para realizarmos a análise, procuramos sintetizar noções relevantes da área da Linguística Textual. É importante ressaltar que a avaliação das redações não é prescritiva e que não pretendemos criar uma lista de macetes ou manual para se produzir e avaliar redações escolares. Realizamos uma avaliação qualitativa dos textos do *corpus*, focada na funcionalidade dos mesmos.

Palavras-chave: linguagem, texto, textualidade, coesão, coerência.

1 Introdução

Desenvolver habilidades de leitura e escrita não é tarefa fácil. Essa relação leitura/escrita, segundo Orlandi (1988:90), não é mecânica nem automática: um bom leitor não é necessariamente alguém que escreve bem, e quem escreve bem não é categoricamente um bom leitor. No entanto, para que se produza um texto escrito, é necessário ter, entre tantos outros requisitos, o que dizer; é necessário possuir um certo grau de informatividade que possa assegurar ao texto uma composição coerente, não circular, cuja progressão garanta a textualidade e/ou a inteligibilidade do texto.

No PCN (1998), em consonância com o que afirma Orlandi (1988), o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa, como prática pedagógica, são resultantes da articulação de três variáveis: o aluno; os conhecimentos com os quais se opera nas práticas de linguagem; a mediação do professor:

O primeiro elemento dessa tríade - o aluno - é o sujeito da ação de aprender, aquele que age com e sobre o objeto de conhecimento. O segundo elemento - o objeto de conhecimento - são os conhecimentos discursivo-textuais e linguísticos implicados nas práticas sociais de linguagem. O terceiro elemento da tríade é a prática educacional do professor e da escola que organiza a mediação entre sujeito e objeto do conhecimento. (PCN, 1998. p. 22).

Aprender requer, também, elementos da cognição, tais como atenção, percepção, memória, elaboração, capacidade de responder e de se comunicar, que são recursos particulares do sujeito. Como pode ser percebido, vários fatores estão relacionados às atividades que envolvem a linguagem e seu aprendizado.

Neste momento, focalizamos os fatores de textualidade ligados à configuração linguística de textos escritos produzidos por alunos do 3º ciclo de Formação Humana, que corresponde aos anos escolares finais do Ensino Fundamental, do Centro Pedagógico, da Universidade Federal de Minas Gerais. Os textos foram produzidos pelos alunos em sala de aula, individualmente, como atividade cotidiana de redação, a partir de uma proposta de produção de texto impressa entregue a cada estudante.

No momento da análise, damos foco ao uso dos mecanismos linguístico-textuais relacionados à construção da coesão e coerência do texto escrito, observáveis na tessitura dos textos narrativos produzidos pelos estudantes. Para realizarmos a análise, procuramos sintetizar noções relevantes da área da Linguística Textual, com base em CHAROLLES, 1978; BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981; BEAUGRANDE, 1997; COSTA VAL, 1991 e 2006.

É importante ressaltar que a avaliação das redações não é prescritiva e que não pretendemos criar uma lista de macetes ou manual para se produzir e avaliar redações escolares. Realizamos uma avaliação qualitativa dos textos do *corpus*, focada na funcionalidade dos mesmos.

2 Considerações teóricas

A Linguística Textual, desenvolvida, sobretudo, na Europa, a partir do final dos anos 60, dedica-se a estudar os princípios constitutivos do texto e os fatores envolvidos na sua produção e recepção. Neste trabalho, condensamos noções relevantes dessa área da linguística (cf. CHAROLLES, 1978; BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981; BEAUGRANDE, 1997; COSTA VAL, 1991 e 2006) e as aplicamos à análise das produções textuais dos alunos do 3º Ciclo de Formação Humana, do Ensino Fundamental, do Centro Pedagógico, na tentativa verificarmos o desempenho dos estudantes no âmbito da produção textual e, especificamente, no uso de elementos e/ou estratégias para se construir a coesão e a coerência do texto.

2.1 Texto e Textualidade

A concepção de texto é bastante abrangente e está intrinsecamente ligada à concepção de língua, haja vista que podemos denominar, como texto, variadas produções, em diferentes linguagens, tais como a linguagem verbal, a pintura, a dança, o teatro. Por isso, faz-se necessário delimitar a concepção de texto que adotamos e, conseqüentemente, a noção de língua que a fundamentará.

Considera-se, aqui, a língua em uso, ou seja, a linguagem como uma atividade constitutiva, interacional, especificamente, a língua portuguesa em uso, na modalidade escrita. E, nessa perspectiva, assumimos, com Beaugrande & Dressler (1981), que

Um TEXTO será definido como uma OCORRÊNCIA COMUNICATIVA que reúne sete fatores de TEXTUALIDADE. Se qualquer um desses fatores não for considerado e satisfeito, o texto não será comunicativo. Assim, os textos não-comunicativos são tratados como não-textos (Beaugrande & Dressler, 1981. p. 3).¹

1 Tradução livre. Texto original: “A TEXT will be defined as a COMMUNICATIVE OCCURRENCE which meets seven standards of TEXTUALITY. If any of these standards is not considered to have been satisfied, the text will not be communicative. Hence, non-communicative texts are treated as non-texts” (Beaugrande & Dressler, 1981:3).

Em outras palavras, também sob a ótica de Beaugrande (1997), compreendemos que “um texto é um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”, entendendo por evento “aquilo que acontece quando um texto é reconhecido como tal através da produção de sentido que ele permite”, como definido por Oliveira (2002) apud Nascimento e Oliveira, 2004:286, seja ele oral ou escrito. Esse evento constitui-se, basicamente, a partir do processo de interação entre os interlocutores e pela atuação conjunta de fatores de ordem linguística, situacional, cognitiva e sociocultural.

Costa Val, na mesma perspectiva de Beaugrande, define o texto como “ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal” (2006:3). E acrescenta: “um texto é uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função social identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa”.

Ainda segundo a autora, para que o texto seja bem compreendido, precisa atender a três aspectos: o pragmático, que tem a ver com seu funcionamento enquanto atuação informacional e comunicativa; o semântico-conceitual, de que depende sua coerência; e o formal, que diz respeito à sua coesão.

O “texto é dotado de unidade de sentido” (COSTA VAL, 1991); o sentido do texto não está nele inscrito, pronto e acabado, mas é construído através da ação desenvolvida pelos interlocutores, mediante a atuação e influência de diversos fatores contextuais.

2.2 Textualidade e Fatores de textualidade

A textualidade pode ser definida, com base em Beaugrande & Dressler (1981), como um conjunto de características que fazem com que um texto seja considerado como tal, e não como um amontoado de palavras e frases, para as quais seja impossível construir algum sentido, dentro de um determinado contexto de produção e recepção.

Dois blocos de sete fatores, segundo Beaugrande e Dressler (1981), são os responsáveis pela construção da textualidade de qualquer texto, a saber: fatores relacionados com o material conceitual e linguístico do texto (coesão e coerência) e fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade, intertextualidade).

A coerência e a coesão (cf. BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981; COSTA VAL, 2006) têm em comum a característica de promover a interrelação semântica entre os elementos do discurso, respondendo pelo que se pode chamar de conectividade textual. Podemos entender que a coerência está ligada ao nexos entre os conceitos e que a coesão é a expressão linguística desse nexos, o qual nem sempre vem explícito no texto. Esses dois elementos, coerência e coesão, estão relacionados com a configuração linguística do texto.

Os fatores pragmáticos da textualidade podem ser subdivididos: a intencionalidade e a aceitabilidade estão relacionadas aos protagonistas do ato de comunicação. O primeiro fator tem relação com o produtor do texto e concerne ao seu empenho em construir um texto coerente e coeso, que satisfaça os objetivos que tem em mente em uma determinada situação comunicativa. O segundo fator está relacionado ao receptor do texto, às suas expectativas sobre o conjunto do texto.

O terceiro fator de textualidade, segundo Beaugrande e Dressler, é a situacionalidade, que diz

respeito aos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre. Trata-se da adequação do texto à situação comunicativa. O fator seguinte, o quarto, informatividade, diz respeito à medida na qual as ocorrências de um texto são esperadas ou não, conhecidas ou não, no plano conceitual e no formal.

Por último, os autores apontam a intertextualidade, que concerne ao diálogo entre textos. Como se pode ver, as noções de texto e textualidade são relacionadas, como propõem Beaugrande e Dressler (1981), Costa Val (2006), entre outros.

Para avaliarmos a coerência e a coesão das redações objeto deste trabalho, tomamos como base Beaugrande e Dressler (1981) e as chamadas ‘metarregras’, formuladas por Charolles (1978), tal como fez Costa Val (2006). Os demais fatores de textualidade não estão no escopo deste trabalho, que ainda está em fase de desenvolvimento, e, por isso, não serão abordados pontualmente na análise dos textos.

É importante ressaltar que a avaliação das redações não é prescritiva e que não pretendemos criar uma lista de macetes ou manual para se produzir e avaliar redações escolares. Neste primeiro momento, queremos verificar o desempenho dos alunos no que tange ao uso de mecanismos e/ou estratégias para se construir a coerência e coesão textual, com foco na funcionalidade dos textos enquanto práticas comunicativas reais.

3 Indicações metodológicas

3.1 Os informantes

Os textos que serão analisados neste trabalho foram produzidos por alunos que estão cursando o 3º Ciclo de Formação Humana, especificamente do 7º ano escolar da Educação Básica Fundamental, do Centro Pedagógico da UFMG. Trata-se de alunos regulares, que estão na faixa etária dos 12 (doze) anos, idade regular para o ano escolar. Os estudantes são brasileiros natos e pertencentes à classe média, conforme dados fornecidos pela secretaria escolar. A turma é mista, sendo constituída por alunos do gênero masculino e feminino.

A escolha da faixa etária mencionada justifica-se pela possibilidade de os sujeitos, nessa idade, produzirem textos relativamente bem elaborados. Por sua vez, a escolha da fase escolar, o 3º ciclo, tem relação com a idade dos informantes e, sobretudo, com o fato de as habilidades relacionadas ao conteúdo a ser analisado nas redações já ter sido consolidado, evitando-se, assim, que possíveis inadequações sejam fruto do desconhecimento do conteúdo.

3.2 Coleta de dados

Para a realização deste trabalho, coletamos textos narrativos produzidos por todos os alunos da turma e selecionamos alguns para análise, nesta fase preliminar da investigação. A tipologia textual narrativa foi escolhida porque está ligada a práticas comunicativas humanas históricas; relatar ou contar histórias faz parte da cultura da humanidade.

Os textos foram produzidos a partir de material fornecido ao informante, de modo bastante contextualizado. A proposta de redação tinha como tema “solidariedade” e trazia um pequeno texto e imagens de uma campanha de doação de roupas a pessoas carentes.

3.3 Análise dos textos

Entendemos que o texto é uma unidade de sentido na qual os elementos têm significado uns em relação aos outros e em relação ao todo textual, o que justifica dizer que o significado de cada elemento isoladamente pode não coincidir com o sentido que assume em relação ao conjunto, conforme postula Costa Val (2006:36). Nessa perspectiva, as ocorrências de um texto não devem ser analisadas por si, mas integralmente, em função do todo. Por isso, os critérios de julgamentos aqui definidos conduzem a um exame global do texto, embora algumas divisões possam ser necessárias para fins investigativos.

Ao analisar os textos, como já dito, focalizamos os fatores constitutivos da textualidade, no âmbito da configuração linguística (coerência e coesão), especificamente, através dos mecanismos e das estratégias constitutivas de cada fator, manifesto na tessitura do texto. De modo geral, para avaliar a coerência e a coesão dos textos, nos fundamentamos nas “metarregras” formuladas por Charolles (1978), nas concepções de Beaugrande e Dressler (1983) e, também, nas proposições de Costa Val (2006).

A análise qualitativa é foco deste trabalho. Por isso, analisamos cada texto como um todo, verificando se aquela ocorrência comunicativa específica é eficaz. No entanto, especificamente, direcionamos nosso olhar para a construção da coerência e da coesão do texto.

4 Análise

Neste estudo qualitativo, analisamos, como amostra, dois textos produzidos por alunos do 7º ano do ensino fundamental, selecionados aleatoriamente. Pretendemos verificar como se deu a construção da coesão e da coerência nesses textos.

Ao analisar a construção da coerência e da coesão, focalizamos as seguintes condições: continuidade, progressão, não-contradição e articulação.

Vejamos este primeiro texto:

Texto 1

Seja a luz!

Ser solidário é estar pronto para ajudar alguém em alguma situação difícil. Eu acredito que todos nós, pelo menos um pouco, somos solidários. Há pessoas que demonstram mais esse seu lado solidário, enquanto outras tentam escondê-lo.

Eu, por exemplo, me sinto comovida quando um mendigo me pede esmola ou quando fico sabendo que uma vítima de enchente tenha perdido tudo no desastre. Sempre que posso, doo uma peça de roupa, um sapato ou algum tipo de alimento para pessoas carentes.

Estamos vivendo tempos difíceis. Vamos ser mais solidários para sermos luz na vida de quem precisa.

Esse texto apresenta um bom padrão textualidade, do ponto de vista dos fatores ligados à configuração linguística, coerência e coesão, que são foco deste trabalho, e, também, do ponto de

vista dos fatores ligados à configuração sociocomunicativa do texto. É uma produção que se mostra compatível com a realidade a que se refere e que exhibe unidade, logicidade e boa articulação dos elementos do texto. Embora não seja absolutamente original e que tenha fundamentação comum, o texto revela, da parte do produtor, uma leitura pessoal do mundo e trata o tema de modo consistente, ainda que de modo simples, o que pode ser atribuído à faixa etária e escolar desse estudante (12 anos / 7º ano escolar).

No que tange à coerência, o texto apresenta continuidade e progressão. No primeiro parágrafo, há a definição do que é ser solidário e essa noção é desenvolvida voltando-se para o indivíduo, de modo bastante positivo, mas ponderando os níveis de solidariedade em cada pessoa. O segundo parágrafo é um relato pessoal, o modo como o produtor se coloca diante do tema, na realidade. O terceiro parágrafo traz uma breve conclusão, que traz uma afirmação sobre o mundo e um convite para a prática da solidariedade. Não há nenhum trecho contraditório, nem mesmo sem articulação das ideias.

No que tange à coesão, temos conexões muito bem feitas. No primeiro parágrafo, por exemplo, a referência é feita corretamente, como na elipse da palavra “pessoas” e no uso do pronome “outras” para retomar a primeira ocorrência o item lexical “pessoas”. O pronome “-lo”, no verbo “escondê-lo” também foi corretamente utilizado para se referir à palavra “lado”. O autor do texto também utilizou adequadamente a conjunção “enquanto” para implementar a ideia de proporcionalidade neste período “Há pessoas que demonstram mais esse seu lado solidário, enquanto outras tentam escondê-lo”.

O autor do texto em análise apresenta um bom desempenho na utilização dos mecanismos que constroem a coesão e a coerência do texto. Além disso, não há inadequações ortográficas; os sinais de pontuação e acentuação também foram usados adequadamente. Da forma como foi construído, o texto se constitui como um todo significativo e implementa com eficiência um processo de interação como seu leitor.

Passemos a outro texto, de outro aluno:

Texto 2

Doação de alimentos

Hoje começa em minha cidade uma campanha para arrecadar alimentos de todos os tipos e doar para instituições carentes. Quem teve essa idéia foi um jovem estudante universitário, que quando publicou em rede social sua idéia, foi apoiado por muitas pessoas, que se juntaram a ela para conseguirem as doações.

Algumas pessoas criticaram ele, dizendo que ele ia perder seu tempo ajudando os outros. Eu penso totalmente o contrário pois doar é um ato maravilhoso de solidariedade, por quê mostra que você se preocupa e quer ajudar o próximo.

A campanha de doação de sangue foi um grande sucesso no Facebook e já receberam mais de 60.000 doações. Cada um fez sua parte e conseguimos ajudar muita gente.

Esse segundo texto não apresenta bom padrão textualidade; apresenta-se incoerente no plano semântico e com conexões mal feitas no âmbito sintático. Essas inadequações certamente causam prejuízo, também, do ponto de vista dos fatores ligados à configuração sociocomunicativa do texto.

No que tange à coerência, o texto não apresenta continuidade e progressão temática; ao contrário, apresenta-se confuso e contraditório. No primeiro parágrafo há uma mistura de espaço

real, “minha cidade”, com o espaço virtual, “rede social”, deixando obscura a informação sobre o local de realização da campanha, o local onde as “pessoas se juntaram” e como as doações foram feitas. Essa confusão de “espaços” é reforçada no último parágrafo, quando o autor do texto afirma que a campanha foi um “grande sucesso no Facebook”, que é uma rede social. O alvo das doações ora é um entidade, “instituições carentes”, ora pessoas, “os outros”, “o próximo”, “muita gente”, o que também gerar incoerência. Além de todos esses problemas, o texto é incoerente quanto ao tipo de campanha realizada. O título e o primeiro parágrafo versam sobre uma campanha de doação de alimentos, enquanto o último parágrafo fala de campanha de doação de sangue, gerando uma grande contradição.

No que tange à coesão, o texto se apresenta desconexo; há repetições pronominais desnecessárias e referências inconsistentes. No final do primeiro parágrafo, o autor do texto usa incorretamente o pronome “ela”, no feminino, para retomar o referente “um jovem estudante universitário”, um sintagma no masculino. No segundo parágrafo, temos a repetição sequencial do pronome pessoal do caso reto “ele”, estando a primeira ocorrência inadequada para o contexto sintático, que exige um pronome oblíquo. No terceiro parágrafo, o verbo “receberam” tem sujeito indeterminado, mas, com base no texto, podemos entender que o sujeito é “o jovem universitário e as pessoas que o apoiaram”; logo, não faz sentido essa indeterminação. Na sequência, finalizando o texto, o autor se coloca, também, como sujeito realizador da campanha, ao usar o verbo “conseguimos”, deixando ainda mais confusa a compreensão de quem está realizando a campanha de doação.

O autor desse segundo texto analisado tem baixo desempenho em sua produção textual, pois constrói um texto incoerente e desconexo. Além disso, há inadequação ortográfica (preocupação), uso incorreto de acentuação (idéia) e ausência de vírgulas ao longo de todo o texto.

Construído desta forma, o texto torna-se incompreensível para o leitor, comprometendo a eficácia do processo de interação.

Estas duas amostras textuais, produzidas por alunos de mesma faixa etária, do mesmo ano escolar, de condição socioeconômica semelhante e em mesmas condições de produção, nos mostram que há diferentes tipos e níveis de escrita (como também há diferentes tipos e níveis de leitura), dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do seu contexto social e cultural. O autor do segundo texto tem informações, mas não consegue articulá-las no plano semântico nem no sintático, ou seja, demonstra ter o que dizer, mas não sabe como dizer.

Por isso, cada vez mais, nossa prática docente precisa conduzir os alunos a fazerem uso da leitura e da escrita, envolver-se em práticas sociais em que essas atividades sejam reais e significativas, para que eles tenham o que dizer e saibam como dizer.

Conclusão

Ler e escrever são dois fenômenos bastante diferentes, cada um deles é muito complexo, pois é constituído de uma multiplicidade de habilidades, comportamentos e conhecimentos (cf. Magda Soares, 1998).

O ato de ler envolve um conjunto de habilidades e comportamentos que se estendem desde simplesmente decodificar sílabas ou palavras até ler, por exemplo, Grande Sertão Veredas, de Guimarães Rosa. Uma pessoa pode ser capaz de ler um bilhete, ou uma história em quadrinhos, e não ser capaz de ler um romance, um editorial de jornal. Isso porque ler é uma atividade que demanda um conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos que compõem um longo e

complexo *continuum*.

Escrever, por sua vez, também é um processo que envolve um conjunto de habilidades e comportamentos que se estendem desde simplesmente escrever o próprio nome até escrever uma tese de doutorado. Por isso, uma pessoa pode ser capaz de escrever um bilhete, um carta, mas não ser capaz de escrever uma argumentação defendendo um ponto de vista, escrever uma narração sobre determinado assunto. Isso significa dizer que o processo de escrita também envolve um conjunto de habilidades, comportamentos, conhecimentos que compõem um longo e complexo *continuum*.

Há diferentes tipos e níveis de leitura e escrita, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, de seu contexto social e cultural. Por isso, a nossa tarefa, enquanto professores, não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas é, também, e, sobretudo, levar os estudantes a fazerem uso da leitura e da escrita, envolver-se em práticas sociais em que essas atividades sejam reais e significativas, para que eles tenham o que dizer e saibam como dizer, em diferentes contextos interacionais.

Referências Bibliográficas

- 1] BEAUGRANDE, Robert-Alain de. New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access do knowledge and society. Norwood: Ablex publishing corporation, 1997.
- 2] BEAUGRANDE, Robert-Alain de, DRESSLER, Wolfgang U. Introduction to text linguistics. Londres, Longman, 1981.
- 3] BRONCKART, Jean-Paul. Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo. Trad.: Anna Rachel Machado e Pericles Cunha. São Paulo: EDUC,1999.
- 4] CHAROLLES, Michel. Introduction aux problèmes de la cohèrence des textes. Langue française. Paris, Larousse, 1978.
- 5] COSTA VAL, Maria da Graça. Redação e textualidade. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- 6] COSTA VAL, Maria da Graça. Repensando a textualidade. In: AZEREDO, José Carlos de. Língua Portuguesa em debate. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 34-51.
- 7] FÁVERO, Leonor L, KOCH, Ingedore G.V. Linguística textual: introdução. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- 8] GUIMARÃES, Sandra Regina Kichner. Aprendizagem da leitura e da escrita. São Paulo: Vetor, 2005.
- 9] KOCH, Ingedore G. Villaça. Desvendando os segredos do texto. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- 10] KOCH, Ingedore G. Villaça. O texto e a construção de sentidos. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- 11] KOCH, Ingedore G. Villaça. Argumentação e linguagem. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- 12] MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.
- 13] NASCIMENTO, Milton, OLIVEIRA, Marco Antônio. Texto e hipertexto: referência e rede no processamento discursivo. In: Sentido e significação. São Paulo: Contexto, 2004, p.285-299.
- 14] SOARES , Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

iAutora:

Renata AMARAL DE MATOS ROCHA, Profa. Ms., Doutoranda,
Centro Pedagógico - Universidade Federal de Minas Gerais (CP - UFMG),
Núcleo de Letras,
E-mail: reamaral.teixeira@gmail.com.